
**A Importância da Pluralidade no Exercício da Atividade Jornalística no Brasil:
uma análise do livro O Olho da Rua de Eliane Brum**

**The importance of the pluralism in journalist's work in Brazil:
an analysis of Eliane Brum's book, O Olho da Rua**

Ana Rita Monteiro CORREIA⁶¹

RESUMO

Este estudo propõe discutir o exercício da atividade jornalística brasileira, abordando a importância do jornalismo pluralizado, com base nas pesquisas de Cláudia Nonato (2013), Jonas Valente (2013), entre outros. O *corpus* é constituído por duas reportagens da obra *O Olho da Rua* de Eliane Brum, que nos permitem verificar se os textos se enquadram dentro do jornalismo pluralizado. A autora, em ambas reportagens, procura expressar sentimentos do ser humano, construindo um jornalismo humanizado e democrático.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia brasileira; Pluralidade; Exercício da atividade jornalística; *O Olho da Rua*; Eliane Brum.

ABSTRACT

The purpose of this study is to discuss the Brazilian journalistic work, discussing the importance of pluralism in journalism, based on the research of Cláudia Nonato (2013), Jonas Valente (2013), among others. The *corpus* is formed by two articles found in Eliane Brum's book, *O Olho da Rua*, which allows us to verify if the texts fit into the definition of pluralistic journalism. The author, in both articles, try to express the feelings of being human, of trying to build a more humane and democratic journalism.

KEYWORDS: Brazilian media; Pluralism; Journalist's work; *O Olho da Rua*. Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

O jornalista tem um papel muito importante na sociedade, visto que sua tarefa é interpretar e traduzir diferentes informações, fatos, versões, opiniões, etc. Não existe apenas, para o profissional, a função de informar. O jornalista também necessita dar precisão na

⁶¹ Estudante do 5º. semestre em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: anarmonteiro@outlook.com

informação para, assim, passar para o leitor a possibilidade de reflexão sobre determinados assuntos que são de relevância pública.

Grande parte do jornalismo brasileiro, infelizmente, se encontra nas mãos de grandes “famílias” nos dias de hoje, contribuindo, assim, para uma abordagem hegemônica nos meios de comunicação. Precisamos, dessa forma, entender a importância da pluralidade nos textos jornalísticos, ou seja, mostrar a presença de diferentes versões, opiniões e fatos. Diante disso, a importância do presente artigo também deve-se ao fato de que as notícias estão cada vez mais circulando de formas parecidas, sem haver uma diversificação de versões, fontes, opiniões e pensamentos. Sendo assim, decidimos analisar algumas das reportagens do livro *O Olho da Rua* da Jornalista Eliane Brum para observar caso as histórias se enquadram nesse jornalismo plural.

Ao analisarmos o nosso tema de forma ampla, observamos estudos já realizados que procuram trabalhar com aspectos distintos de *O Olho da Rua* de Brum (2017). Mendonça e Cardoso (2015), por exemplo, procuram em sua pesquisa analisar os aspectos do jornalismo literário presentes na obra da jornalista. O objetivo dos autores é encontrar elementos de reflexão sobre a sua produção e a relação com a literatura, utilizando cerca de sete características (exatidão e precisão, humanização, estilo próprio e voz autoral, imersão, criatividade e responsabilidade ética) que foram escolhidas para servir de análise.

Apesar de ser utilizado o mesmo objeto de pesquisa, a pesquisa de Mendonça e Cardoso (2015) não procura analisar a pluralidade das reportagens, em *O Olho da Rua*, de Brum (2017). Diante disso, este artigo tem por objetivo discutir o exercício da atividade jornalística em meio ao monopólio da mídia brasileira, comentando, assim, acerca da importância do jornalismo pluralizado/diversificado, com base em pesquisas de alguns teóricos, como Cláudia Nonato (2013), Dennis Oliveira (2004) e Francisco José Karam (1997), Jonas Valente (2013), entre outros.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O monopólio da mídia brasileira

Os meios de comunicação atuam presentes de forma maciça e intensa na vida da população, segundo Valente (2013), e quem está no controle desses meios pode não apenas definir o que será ou não disponível para as pessoas conhecerem, como também determinar como a realidade é representada. Porém, existem diferentes razões/motivações para as decisões serem tomadas. Como dito por Valente (2013), essas questões de escolhas acabam sendo bastante delicadas e de grande repercussão.

Segundo Ana Carolina Temer (2011), a imprensa brasileira não somente chegou tarde como também se instalou de uma forma predominantemente privada e comercial. E, algo que autora cita é que, uma das características que diferencia o Brasil dos outros países é a questão da propriedade dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos familiares de amplitude regional e nacional diferentes e/ou com possibilidades de internacionalização, contudo atuam em bloco ou a partir de aliança de interesses. Dessa forma, esses grandes grupos acabam se tornando mais fortes e ampliando sua atuação não apenas na conquista territorial, mas também na aquisição de diversos veículos, inclusive em relações de intercruzamento de mídias.

Algo também comentado por Temer (2011) é acerca da concentração do controle da mídia brasileira e da pouca diversidade de conteúdo, em que diz:

Embora aparentemente as mídias nacionais apresentem pacotes de produtos e gêneros muito diversos entre si, nem sempre eles efetivamente atendem às diferenças internas da sociedade brasileira. As relações de poder no Brasil continuam privilegiando certos grupos, e nesta ação, aprofundando vácuos no exercício da cidadania pelos grupos excluídos (TEMER, 2011, p. 16).

Temer (2011), portanto, mostra que a mídia, ao oferecer uma baixa diversidade de conteúdo, faz escolhas a partir de um espectro de abrangência limitada. Com isso, o poder de escolha nesses meios de comunicação passa a ser praticado a partir de uma base hegemônica. E é nesse contexto que surgem as relações entre poder e cidadania no Brasil.

1.2 O exercício da atividade jornalística

Foi a partir da revolução tecnológica, em que apareceram os computadores e a Internet, e, conseqüentemente, a potencialização da globalização, que o papel do Jornalista foi modificado. Ele passa a ser o sujeito que lida diretamente com a informação, ocupando-se como papel de protagonista. Dessa forma, o jornalista recebe a informação por uma fonte, filtra essa informação e, assim, é repassada para os leitores de revistas ou de jornais.

Nonato (2013) comenta que, o papel do jornalismo, deste século já é um papel de mediador, que utiliza da sensibilidade e da técnica para a resolução de conflitos. Já no século passado, o jornalista era visto como um romântico, idealista, profissional sem formação acadêmica que trabalhava por vocação. No entanto, isso foi sendo mudado com o tempo. Comenta-se, atualmente, da presença do cinismo na profissão, ou seja, um descaso, no qual é bastante atuante principalmente nos jovens jornalistas, segundo Nonato (2013). E, apesar de existir ainda alguns profissionais que são jornalistas por vocação, é muito procurada, atualmente, a formação acadêmica. Algo que também é observado, nos dias atuais, é que os jornalistas estão trabalhando cada vez mais fora das redações para trabalhar em assessorias.

Foram poucas as mudanças ocorridas nas redações no final do século XIX até metade do século XX. Entretanto, a partir do século XX, com a criação das novas tecnologias e o desenvolvimento do capitalismo, a comunicação impulsionou. Foi um momento, em que os jornalistas tiveram um papel importante para compreender as transformações ocorridas na sociedade. Além do papel do jornalista de ser um difusor de informação, o profissional possibilita não apenas uma reflexão, mas também uma compreensão dos fatos, consolidando-se como uma fonte de conhecimento. É necessário, dessa forma, que o jornalista consiga interpretar e traduzir as informações, atribuindo sentido e precisão.

A profissão de jornalista também teve suas mudanças estruturais, linguísticas, sociais e tecnológicas. Como foi dito por Oliveira (2004), o jornalismo se tornou mercantilizado, em que acarretou mudanças na própria linguagem jornalística, tornando-se cada vez mais publicitárias, e menos crítica ou opinativa. E sobre o profissional, ele acaba se tornando mais competitivo no mercado, deixando de lado os direitos que foram conquistados no passado.

Além disso, para Dominique Wolton (2011), a sociedade, em pleno século XXI, está passando por problemas de falta de comunicação, ou seja, a incomunicação. Isso começou em razão da generalização de informações, da diversidade de receptores e também da

globalização. Então, com a grande circulação de informações e ausência de controle, fica impossível absorvermos essa avalanche informacional. Dessa forma, existem muitas notícias circulando de forma parecidas, trazendo, assim, a saturação de informações, que ficam difíceis de administrar todas as informações, além de não haver uma pluralidade de versões, fontes, pensamento e opiniões.

1.3 A importância do jornalismo diversificado

Como foi visto na primeira parte da fundamentação teórica, Ana Carolina Rocha (2011) mostra que a comunicação, atualmente, está concentrada nas mãos de poucos grupos empresariais e transnacionais, que possuem interesses de elaborar estratégias mercadológicas e visam, portanto, o lucro. Esses são chamados de grandes “famílias”, que buscam controlar não apenas a produção e a difusão de informações/notícias, como também de entretenimento. Como foi dito no texto de Nonato (2013), é a mercantilização da mídia, ou seja, fazer notícia ou entretenimento pra gerar lucro e interesses.

Essas grandes “famílias” possuem suas posições em relação à determinados assuntos, mas colocando outras posições de forma negativa. Como foi visto pelo Valente (2013), em que numa pesquisa feita com reportagens de jornais, revistas e telejornais, cerca de 60% dos casos estavam retratando o Movimento Passe Livre (MPL) de forma negativamente. É por razão disso que Valente (2013) comentou sobre a importância da regulamentação democrática dos meios de comunicação, uma vez que, assim, permite ampliar o debate público e as vozes na sociedade. Então, a regulação democrática procura “exatamente contribuir para esse processo de discussão e participação” (VALENTE, 2013, p. 20). É nesse contexto que aparecem os termos “Direito à Comunicação” e o “Direito Social à Informação”.

Diante disso, o “Direito à Comunicação”, de acordo com Valente (2013), diz a respeito do que engloba os conceitos de liberdade de expressão e o direito à informação. Esse termo significa que o indivíduo não deve ter restrições acerca do que quer falar, à exceção daquelas que afetem os direitos dos outros cidadãos, como caluniar, ofender, etc.

Sendo assim, o termo “Direito Social à Informação”, que de acordo com Karam (1997), implica argumentar que a informação deve possuir uma diversificada conceitual, ou seja, é necessário que estejam presentes dentro da “informação” diversas concepções, versões,

culturas e comportamentos. Além disso, esse direito deve ser visto como um direito de todos de se manter informado e de informar.

O Direito Social à Informação, consagrado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, é entendido como o direito das pessoas receberem informações e saberem o que está acontecendo no mundo. No entanto, o direito social à informação enfrenta obstáculos, atualmente, por ser mediado pelo Estado que expressa interesses majoritários. Sendo assim, para garantir tal direito, Karam (1997) diz que é preciso haver a democratização nos meios de comunicação, dando espaço para a minoria ser representada, além de haver uma mudança da noção ética da profissão, isto é, fazer um jornal de qualidade, ético e humano, em que tenha uma diversidade de fatos sem haver julgamentos, preconceitos e estereótipos. É preciso, portanto, manter uma relação ética e universal ao mesmo tempo. Além disso, o conceito de direito social à informação só faz sentido se for conectado com outros valores, como, por exemplo, o de liberdade. É necessário o direito da pessoa de se expressar, de falar sua opinião, sem haver a censura e restrições, por isso que o direito social à informação é inteiramente ligado ao conceito de liberdade de expressão.

Oliveira (2004), ao falar da definição e das características do jornalismo, diz a respeito do jornalismo como uma reconstrução da realidade com base na verdade e da maior aproximação dos fatos ocorridos. Dessa forma, Oliveira (2004) coloca duas características, sendo elas: a veracidade das informações e a relevância pública. Sobre a veracidade, o autor comenta que o jornalismo seria uma reconstrução da realidade observada de um ponto de vista, de um olhar, de uma fonte em que daria, assim, a autenticidade das informações. Não seria uma reprodução totalmente fiel, mas sim uma reconstrução, como ele diz em sua pesquisa.

Além disso, ele acredita que, por ser uma reconstrução da realidade, o jornalismo não poderá ser neutro ou imparcial, mas tem que haver a objetividade. Ademais, a pluralidade, para Oliveira (2004) seria um conceito importante, visto que os meios de comunicação ofereceriam algo mais plural, um jornal diversificado, em que tenha diversidade de versões sobre os fatos. Já sobre o conceito “relevância pública” de Oliveira (2004), acontece em razão do critério de noticiabilidade, pois os jornalistas teriam que dizer o que tem ou não relevância para ser mostrado em público.

1.4 Sobre o livro *O Olho da Rua*

O livro, *O Olho da Rua* (2017), de Brum (2017) traz cerca de dez reportagens pelo Brasil, contada de maneiras diferentes pela jornalista. É uma obra-prima para quem se interessa por textos jornalísticos e para estudantes que iniciaram o curso de Jornalismo, uma vez que ela, em seu livro, conta um pouco dos bastidores de cada reportagem feita, procurando sempre comentar algumas “dicas” sobre jornalismo e suas experiências. O livro é composto por histórias que, geralmente, não têm espaço nos meios de comunicação.

Em *O Olho da Rua*, Brum (2017) conta histórias de lugares que quase nunca ouvimos falar, muitas das histórias são bastante pessoais, sentimentais e emocionais. Com seu papel que é de jornalista, ela se apresenta como “escudeira”, mostrando dez histórias totalmente únicas. Em cada uma dessas reportagens, Brum (2017) narra os bastidores, conta o antes (como foi a preparação da pauta), o durante (como foi a execução da reportagem) e o depois (como aquela reportagem repercutiu nos meios de comunicação). Essa tática que ela utilizou é bastante interessante para quem não somente inicia o curso de Jornalismo, como também procura entender como funciona uma reportagem, qual é o papel do jornalista e como é essa tarefa de contar uma história real para um meio de comunicação, seja para uma revista, jornal ou site.

O Olho da Rua é dividido em: prefácio, apresentação, as dez reportagens, feitas na primeira década do século 21, (intituladas de: *A Floresta das Parteiras*, *A Guerra do Começo do Mundo*, *A Casa dos Velhos*, *O Homem-Estatística*, *O Povo do Meio*, *Expectativa de vida: 20 anos*, *Coração de Ouro*, *Um País chamado de Brasilândia*, *O Inimigo sou eu e Vida até o fim*) com os dez bastidores de cada reportagem e o posfácio.

Brum (2017) procura, dentro dessas histórias, mostrar a realidade da sociedade brasileira, seja na Amazônia ou seja nas favelas de São Paulo. Brum (2017) narra de uma forma que faz o leitor se sentir não apenas dentro da história, como também íntima das fontes em que ela entrevistou. A partir de seus recortes dentro das histórias, passamos pelas parteiras da floresta amazônica, acompanhamos a rotina dos idosos no asilo do Rio de Janeiro, nos emocionamos com os testemunhos das mães que perderam seus filhos cedo por conta do

tráfico, até chegarmos, assim, no relato dos últimos dias de vida de uma senhora chamada Ailce de Oliveira Souza, que foi diagnosticada com câncer.

De acordo com Mendonça e Cardoso (2015) existem algumas características comuns que, dentro da reportagem, são essenciais para que seja admirável, são elas: a exatidão, a precisão, a humanização, a ética e entre outras. Brum (2017), em todas as suas reportagens dentro do livro, busca obedecer a essas características. Algo que é bastante visto em suas reportagens é a representação social que ela busca em suas histórias, uma vez que, geralmente, essas narrativas não possuem espaço nos meios de comunicação. Brum (2017) procura escrever sobre pessoas que nunca tiveram oportunidades para serem vistas nas mídias e, dessa forma, Brum (2017) contribui para um jornalismo plural, que seja diversificado. Como diz também na pesquisa:

A escritora busca histórias que geralmente não têm espaço nos meios de comunicação, não traz apenas informações, conta de forma criativa, com um olhar amoroso e imerge em outros mundos, buscando o excepcional protagonizado por vidas anônimas para mostrar que cada vida é única (MENDONÇA; CARDOSO, 2015, p.10).

Sendo assim, podemos observar que, a partir dessa divisão da fundamentação teórica, fica mais claro entender o que está sendo proposto pelo artigo.

2 METODOLOGIA

O presente artigo é de caráter explicativo e bibliográfico, uma vez que se debruça das pesquisas de Nonato (2004), Oliveira (2004), Karam (1997), Valente (2013), entre outros. Além disso, o artigo tem como objetivo analisar a presença do jornalismo diversificado/pluralizado, na obra da repórter e escritora Brum (2017), o livro *O Olho da Rua*, em meio ao monopólio da mídia brasileira. Dessa forma, procuramos comentar na fundamentação teórica sobre a importância do Direito Social à Informação e sobre o exercício da atividade jornalística no Brasil.

A análise baseia-se, principalmente, em dois capítulos do livro *O Olho da Rua*, intitulados de “A Casa dos velhos” e “Mães vivas de uma geração morta” enfatizando a

preocupação de utilizar a voz das minorias nas reportagens de Brum (2017) em meio ao monopólio da mídia brasileira.

3 ANÁLISE DO CORPUS: A PLURALIDADE EM *O OLHO DA RUA*

Uma das reportagens mais emocionantes que contém no livro, chama-se “A Casa de velhos”, sendo a preferida da escritora e da repórter Eliane Brum. Nessa história, Brum (2017) relata sobre diferentes entrevistados que são acolhidos em um asilo no Rio de Janeiro. É uma reportagem interessante, uma vez que procura narrar a rotina dessas diferentes pessoas que possuem algo tanto em comum. Dessa forma, ela retrata acerca de como eles chegaram lá e o porquê de eles estarem hospedados naquele lugar. Além disso, é uma história emocionante que conta sobre amores, juventude, esgrima dos sexos e até mesmo sobre lutas de classes, visto que o lugar abrigava idosos de todas as classes sociais, em que ela diz: “A Casa abrigava todas as classes sociais – e, por consequência, todos os conflitos” (BRUM, 2017, p. 108).

Nessa reportagem, ela comenta um pouco sobre a história de Paulo, Fermelinda, Rosa, Santinha, Vicente, Rossi, Laurentina, Aurea, entre outros. Podemos observar, assim, a presença da diversidade de versões, fontes e pensamentos na reportagem por meio do depoimento dessas diferentes pessoas. Além disso, Brum (2017) conta nos bastidores dessa reportagem que ela se aproximou muito dos seus entrevistados e que, por causa disso, pede desculpas por essas pessoas terem confiado nela, uma vez que depoimentos e relatos que ela escreveu talvez tenha magoado alguma delas. Brum (2017), portanto, comenta que: “Essa reportagem é, ao mesmo tempo, o melhor e o pior de mim” (BRUM, 2017, p. 113).

Em “A Casa de velhos”, a autora comenta que foi “uma jovem mulher disposta a ouvir a vida deles, a escutar sobre uma existência considerada tão descartável que foi confinada num asilo” (BRUM, 2017, p.112). Nessa parte, observamos a veracidade das informações como foi dito por Oliveira (2004), em que Brum (2017) buscou a reconstrução da realidade daquelas pessoas do asilo de acordo com seus pontos de vistas, seus olhares e essas fontes deram, portanto, a autenticidade das informações. “A Casa dos velhos” é uma reportagem linda, emocionante e inspiradora. A partir dos depoimentos, o leitor é capaz de saber diferentes histórias de pessoas que possuem uma algo em comum.

Outra reportagem bastante interessante intitulada de “Expectativa de vida: 20 anos”, conta acerca da emocionante história de Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, um jovem que foi o único vivo de um grupo de dezessete garotos. Ele foi o único sobrevivente entre esses garotos, uma vez que a maioria foi levado pelo tráfico, e, assim, ficou conhecido por aparecer no documentário *Falcão – Meninos do Tráfico*. Sérgio conta na reportagem de Brum (2017) sobre o que passou, sobre o que a família dele passou na época e sobre seus novos objetivos de vida.

Logo depois de contar a história de Sérgio, Brum (2017) escreve, meses depois, sobre as mães que perderam filhos pelo tráfico, em que chamou essa reportagem de “Mães vivas de uma geração morta”, que serviu como complemento da história de Sérgio. Nessa emocionante história, Brum (2017) busca contar não só das palavras, mas da forma de falar, dos gestos, das negações e dos silêncios de cada mãe. E, dessa forma, Brum (2017) aproxima essas mães dos leitores, além de aproximar os mundos diferentes dessas mães para os leitores. Essa reportagem é repleta de emocionantes testemunhos, sendo um deles da Enilda Rodrigues da Silva. Uma mãe, de 44 anos, que vive na periferia de Fortaleza, no Ceará, e pagou o caixão do segundo filho ainda vivo logo depois que seu primeiro filho morreu, como disse em seu testemunho:

Quando meu filho apareceu em casa com o primeiro tiro no peito, eu comecei a pagar o caixão. Não queria ter de pedir esmola pra enterrar meu menino como vejo tantas mães por aí. No dia em que ele foi morto pela polícia, eu tava com duas prestações atrasadas. O pai dele tinha ganhado um dinheirinho fazendo pão e eu mandei o irmão dele pagar o carnê de manhã bem cedo. Meu filho pôde morrer honestamente. Agora, pago o caixão do meu segundo filho (BRUM, 2017, p.195).

Como já comentamos, o direito social à informação enfrenta obstáculos por expressar interesses majoritários, deixando as minorias de lado. Porém, essa reportagem Brum (2017) dá espaço para que essas mães possam contar seus depoimentos a partir da realidade em que elas vivem, fazendo o leitor se emocionar e tentar entender a situação em que elas vivem. Essa democratização nos meios de comunicação serve para que essa minoria tenha espaço na

mídia e seja, portanto, representada. Nesse momento, o papel da jornalista Brum (2017) é de ser ética e humana, como dito por Karam (1997), uma vez que ela necessita transmitir uma diversidade de fatos, de pensamentos e opiniões sem haver julgamentos, preconceitos e estereótipos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro *O Olho da Rua*, portanto, o leitor passa a descobrir os maiores desafios de Brum (2017) como jornalista. Ao ler suas reportagens, podemos observar que Brum (2017) procurou contribuir para um jornalismo diversificado, narrando histórias que tiveram pouco ou nenhum destaque no Brasil. Brum (2017), por meio da escrita, procura expressar os sentimentos do ser humano, construindo, assim, um jornalismo humanizado, ético, criativo e que saiba apresentar a realidade brasileira acompanhado pela veracidade das informações.

As reportagens, que foram escolhidas para compor o livro, preocupam-se em mostrar a emoção dos personagens envolvidos. Brum (2017), sendo assim, apresenta personagens humanos, que aceitam expor seus problemas, dificuldades, alegrias e tristezas. Ademais, em seus textos, Brum (2017) procurou mostrar o modo de vida das pessoas, o jeito que elas se comportam, as rotinas, as roupas que vestem e descreve até mesmo como são os lugares em que elas vivem. Isso tudo serve para envolver o leitor no ambiente em que eles estão, ou seja, fazer com que o leitor se insira dentro da história, que faça parte da vida daquelas pessoas.

Podemos concluir que, apesar do monopólio midiático brasileiro esteja bastante presente, a jornalista e escritora Brum (2017) buscou representar essas minorias que possuem pouco espaço nos meios de comunicação, dando a possibilidade dos leitores conhecerem suas histórias, seus medos, suas inseguranças, suas perdas, etc.

Sua obra, *O Olho da Rua*, é, sem dúvidas, um livro que trará bons conhecimentos e aprendizados. A jornalista e documentarista Brum (2017) relata histórias distintas uma das outras, que são carregadas de experiências vividas e olhares distintos. A partir de seu olhar como jornalista, Brum (2017) busca investigar cada realidade brasileira com a finalidade de obter um resultado final plausível. E, portanto, a autora consegue esse efeito final.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2.ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

MENDONÇA, Luan Pazzini; CARDOSO, Anelise Zanoni. O Olho da Rua: o jornalismo literário na obra de Eliane Brum. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., Rio de Janeiro, 2015. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2015. p. 1-15.

NONATO, Cláudia. O Perfil Diferenciado dos Jornalistas Associados ao Sindicato de São Paulo. In: NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013, p. 144-202.

OLIVEIRA, Dennis. Fronteiras do Jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística. **Revista PJ:Br jornalismo brasileiro**. São Paulo, n. 03, p. 1-12, jul. 2004.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Prefácio: Algumas questões sobre Mídia, Poder e Cidadania. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Org.). **Mídia, Cidadania & Poder**. Goiânia: FACOMB/FUNAPE, 2011. p. 11-18.

VALENTE, Jonas. **Por que regular os meios de comunicação?** São Paulo: Coleção O Que Saber, 2013.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.